

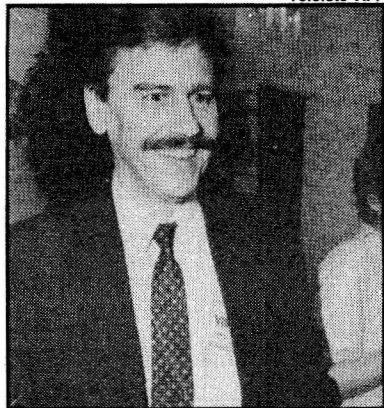
Governo americano considera a proposta brasileira um avanço

JOSÉ MEIRELLES PASSOS
Correspondente

WASHINGTON — Ainda que os banqueiros americanos tenham classificado a proposta brasileira como “vaga e genérica”, altos funcionários da Casa Branca a consideraram um avanço. Apesar de terem dito que era cedo demais para uma apreciação específica sobre o plano, alguns deles comentaram — extraoficialmente — que apesar da surpresa dos credores privados, que esperavam um programa mais objetivo, o documento de 11 laudas “é consistente, tem certa atração e significa um passo concreto para um acerto a médio prazo”.

O fato das idéias nele contidas serem a ser aceitas ou não pelos banqueiros, é secundário para o governo dos Estados Unidos — que nos últimos dias vinha pressionando ambas as partes para que se dispusessem “a negociar de maneira responsável”. Segundo um porta-voz do Departamento do Tesouro, o melhor aspecto da proposta é o fato dela conter várias opções a serem consideradas:

— Notamos uma abertura do lado



Fernando Milliet: acordo duradouro

brasileiro, que ultimamente vinha demonstrando algumas intransigências. Desta vez surgiram enfoques razoáveis que, pelo menos, dão início a um diálogo — disse o funcionário.

Os banqueiros, ontem, evitaram fazer novos comentários a respeito. Alguns dos integrantes do Comitê Assessor de Bancos Credores do Brasil, que conversavam no restaurante do Sheraton Hotel, disseram apenas que esperavam maior solidez à proposta.

Telefoto AFP

— Entenda-se por solidez a inclusão de idéias mais concretas. O texto, de fato, nos pareceu mais uma consideração filosófica sobre a natureza da dívida do que a indicação de um caminho a seguir — disse ao GLOBO o diretor de um dos maiores credores do Brasil. — De qualquer forma, não devemos dizer mais do que isso. A nossa posição oficial, por enquanto, já foi definida por Bill Rhodes — comentou o banqueiro, referindo-se ao presidente do Comitê de Credores, que afirmara que o plano era genérico.

A equipe brasileira concordou plenamente com essa apreciação:

— Eles têm razão em dizer que a proposta é ampla e genérica. A idéia era essa mesma: provocar uma discussão mais profunda sobre a dívida, fazer considerações mais abrangentes do que um simples acerto de contas — disse Fernão Bracher, Consultor Especial para Assuntos da Dívida Externa.

Bracher disse, ainda, que esse movimento foi pensado e repensado até o último minuto:

— Fizemos modificações no texto até cinco minutos antes de sentar-

mos para conversar — contou ele — E a estratégia deu certo, porque ainda que os banqueiros não tenham gostado da proposta, eles não poderiam rejeitá-la, pois estariam interrompendo o diálogo. Aconteceu justamente o que queríamos: estimular um debate sobre o assunto, o que acontecerá através dos grupos de trabalho conjunto que acabamos formando — disse Bracher.

Para o Presidente do Banco Central, Fernando Milliet, era necessário deixar claro — desde o início — que o Governo brasileiro, agora, encara a renegociação da dívida de outra forma.

— Se fizessemos a coisa como uma minuta de contrato, aí a discussão ficaria na base da aceitação ou não da proposta. O que estamos buscando é um acordo duradouro. Queremos convencê-los de que ao invés de tentarem obter um excesso de transferência de recursos do País a cada ano, eles recebiam menos agora, mas ao mesmo tempo assegurem uma taxa de crescimento de nossa economia que nos permita manter, mais para a frente, um nível de serviço maior da dívida.